

A maçaneta se contorce, o ruído enferrujado e folgado, uma, duas ou três vezes. A porta não abre, resiste. Do lado de fora a mão se esforça, teima, ainda calma, suave, temendo assustar. Depois, não havendo fresta, são cinco ou mais as batidas, fingindo a paciência de quem espera resolver de acordo com o protocolo. Porém nada acontece. Certo silêncio apenas, longo. E mais nada. Há inquietação. Conversam entre si, discutem. Não esperavam por isso. Não cogitavam a porta trancada, a falta de resposta, o silêncio. Nenhum quarto dali podia ser trancado pelo lado de dentro. Não. Decidiram assim há muito tempo. Como podia? O que fazer? Acusam como se isso ou aquilo fosse a causa, ponderam como se menos ou mais resolvesse. Resolvem-se pela urgência. Devem persistir nas batidas. Com força. Depois com mais força. E mais.



PARTE 2



Sabe, Patrícia, vou ficar por aqui mais um pouco. Te incomodo?

Fugi de lá. Não dava mais. Foi dor de machucar por dentro. Descobri assim que tem sentimento que não pode ser pra sempre. Irmão devia saber da gente um bocadinho mais, das manias de admirar, do nosso olhar curioso, dos jeitos de ver tudo no pouco daqueles que a gente ama. Acho que é isso.

Não. De repente, o meu irmão, que era mais do que tudo pra mim – sim, o meu irmão –, me trai, faz um deixa-assim, esquece de mim. E tudo por causa daquele segredo. Maldito segredo! Precisava esconder? Tinha? Pra eu pensar no quê? Quando eu soube daquela traição, do jeito que se fez ver, falei baixinho, só pra mim: “Não tenho mais sem ti. Doeu.” Sei que não dura. Que o tempo ensina até o que a gente não quer aprender. Mas e aí? Resolveu?

Foi bom descobrir que eles queriam ajudar. Chegaram com as licenças e as gentilezas, os carinhos nas palavras. Explicaram o que devia e o que podia. Quando concordei, mamãe chorou de um olho só, escondida. Deu um tantinho de medo partir, mas não falei além do sim. Meus pais precisaram entender de jeito: eu não podia perdoar o meu irmão. Não dava mais pra morar junto. Ficou chato. O pai assim: “Não te basta o amor que tu sente por ele?” Quer saber o que respondi? Deixa, deixa.

Fui sem pensar. “Tudo vai ficar bem, querida”, eles prometeram, com jeito de quem sabe mais. Mas não. Não ia ficar bem. Como ia? Ele nem se despedir veio, o meu irmão. Era o momento, Patrícia. Podia um “desculpe”, o Lucas. Eu ficava melhor. Bastava aquele jeito de mano, de quem cuida, um abraço sincero. Escuta! Não adianta! Até a mãe já tentou me convencer: “Volta, filha.” Eu disse que enquanto ele não se desculpar, não volto.

Porque já disse: vou ficar por aqui mais um tempo. Fiquei feliz em te encontrar aqui. Esse lugar é tão bom. Tem um jeito de pedir calma, de querer esperar, de deixar passar, de fazer tempo. E eu, Patrícia, me deixo esvaír, me deixo esparramar. Aqui do teu lado, só eu e tu, nem conto mais o tempo. Conto o que acho que preciso contar. Só pra ti. Tu vai entender a minha escolha. Vai me dar razão?